
**UMA VOZ DIFERENTE E AS DIFERENÇAS EM MEIO AO VOZERIO:
GILLIGAN REVISITADA À LUZ DA TEORIA FEMINISTA**

Marlene Tamanini¹Henrique da Costa Valério Quagliato²**Resumo**

Tendo em vista os 40 anos da publicação original de *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*, este texto revisita as principais propostas teóricas de Carol Gilligan tendo em vista a corrente de pensamento conhecida como "feminismo da diferença". Ele se debruça sobre a forma através da qual a autora leva em conta a construção das diferenças entre homens e mulheres. Olhando para as contribuições de Gilligan, buscamos compreender como essa concepção de diferença corroborou um esforço epistemológico de descentramento da voz masculina nos debates sobre as formas de conhecer e agir no mundo. Assim, reportamo-nos a algumas de suas escolhas metodológicas e teóricas para a elaboração do que chamou de uma "ética do cuidado" - que tentava descrever o senso de conexão e interdependência que marcaria o desenvolvimento feminino em nossa sociedade - em contraponto a uma "ética da justiça" - modelo de amadurecimento moral masculino marcado pela abstração, no processo decisório, da relação entre o indivíduo e aqueles em relação aos quais ele existem. O estudo de Gilligan é famoso por descrever e criticar a hegemonia da ética da justiça nas formas de avaliar o desenvolvimento moral das pessoas como um exemplo do masculinismo que marca uma ciência composta majoritariamente por homens. Contudo, este não é o único aspecto deste artigo. Nele denota-se como os argumentos da autora estavam sendo formados concomitantemente às análises propostas por diferentes feministas da década de 1980 em diferentes áreas do conhecimento. Todas essas mulheres traziam um forte posicionamento contra as naturalizações e as essencializações invisibilizadas nos processos de legitimação androcêntrica do fazer científico. Outrossim, apresentam-se liames epistêmicos que contidos nas perguntas abarcadas pela chamada "voz diferente" das mulheres enquanto refletimos sobre o que esta voz dizia frente a

¹ Professora no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da mesma universidade. E-mail: tamaniniufpr@gmail.com

² Aluno bolsista (CAPES) do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. E-mail: henriquequagliato95@gmail.com

um momento em grande ebulição social, política, cultural - contexto que apontava para a necessidade de mudanças nas formas canonizadas de conhecer em nossa sociedade, a partir da inserção da experiência das mulheres como sujeitos do fazer científico. Interpelando as propostas teóricas de Carol Gilligan no contexto de seu próprio lugar histórico e intelectual, intentamos observar nuances, diferenciações e interseccionalidades que ficaram de fora de suas análises, bem como evidenciar os caminhos abertos por sua obra para as epistemes do cuidado.

Palavras Chave: feminismo da diferença; crítica feminista da ciência; Carol Gilligan

IN A DIFFERENT VOICE AND DIFFERENCES AMIDST THE CLAMOR: GILLIGAN REVISITED IN LIGHT OF FEMINIST THEORY

Abstract

Bearing in mind the 40 years since the original publication of *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*, this paper revisits Carol Gilligan's main theoretical proposals in view of the school of thought known as "Difference Feminism". Here we focus on the way in which the author takes into account the construction of differences between men and women. Looking at Gilligan's contributions, we seek to understand how this conception of difference corroborated an epistemological effort to decenter the male voice in debates about ways of knowing and acting in the world. Thus, we refer to some of his methodological and theoretical choices for the elaboration of what he called an "ethics of care" - which tried to describe the sense of connection and interdependence that would mark the feminine development in our society - in contrast to a "ethics of justice" - a model of masculine moral maturation marked by the abstraction of the relationship between the individual and those in relation to whom he exists in the decision-making process. Gilligan's study is famous for describing and criticizing the hegemony of the ethics of justice's way of evaluating people's moral development as an example of the masculinism that is a mark of a science composed mostly by men. However, this is not the only theme of this article. It shows that

the author's arguments were being formed concomitantly with the analyzes proposed by different feminists in the 1980s in different areas of knowledge. All these women had a strong stance against naturalizations and essentializations that were made invisible in the androcentric legitimation processes of scientific work. Furthermore, epistemic links are presented that contained in the questions encompassed by the so-called "different voice" of women while we reflect on what this voice said in the face of a moment of great social, political, cultural ebullition - a context that pointed to the need for changes in the canonized ways of knowing in our society, based on the insertion of women's experience as subjects of scientific work. Questioning Carol Gilligan's theoretical proposals in the context of her own historical and intellectual place, we intend to observe nuances, differentiations and intersectionalities that were left out of her analyses, as well as highlight the paths opened by her work for the epistemes of care.

Keywords: difference feminism; feminist critic of science; Carol Gilligan

Introdução

Em 1993, na ocasião de uma das reedições estadunidenses de *In a Different Voice*, Carol Gilligan adiciona ao volume uma carta às leitoras e aos leitores, onde reflete sobre os mais de 10 anos desde a publicação inaugural de sua obra. Relembrando os protestos em torno da participação dos EUA na Guerra do Vietnã e o ressurgimento potente dos movimentos de mulheres na luta pelos direitos sexuais e reprodutivos, a autora nos conta sobre um momento em que a instabilidade política norte-americana abriu a possibilidade para um reexame das formas de conhecer. Em meio ao vozerio de atos públicos e debates acalorados que marcam o clima do início da escrita de seu livro, na década de 1970, Gilligan debruçou-se sobre as possibilidades contidas no que, à época, chamou de voz das mulheres. O que essa voz dizia? Que tipo de conhecimento ela trazia consigo? Dentro de um mundo dominado pela voz masculina, o que essa voz – que voltava

a ser projetada com potência na esfera pública para dizer que o pessoal era também político – traria consigo? De que maneira essa voz poderia questionar quem contava e como era contada a história do desenvolvimento moral individual, da psicologia e, em última instância, do conhecimento científico? No conjunto dessas questões, é central que nos perguntemos o que a diferença significava para Gilligan: poderia ela conter a possibilidade de diferenciações internas? Quais seriam as contrapartes da diferença? Diferente em relação a quem?

Nos debruçando sobre as questões nas quais Gilligan se apoiou para construir as análises de seu livro que, em 2022, completa 40 anos. Oferecemos neste artigo uma interpretação de sua obra que a conecte a um contexto maior, no qual a crítica feminista da ciência ganhava fôlego. Argumentamos que a autora, inserida no contexto histórico e intelectual que produziu os raciocínios de *In a Different Voice*, faz parte de um movimento acadêmico mais amplo de desconstrução das formas canonizadas de conhecer em nossa sociedade, a partir da inserção da experiência das mulheres como sujeitos do fazer científico. Propomos pensar Gilligan no contexto da elaboração de raciocínios como os dos trabalhos de Adrienne Rich (1995), Sandra Harding (1979) e Nancy Chodorow (1978) que, já na década de 1970, questionavam a estabilidade das categorias de conhecimento a partir de seu masculinismo; queremos incluí-la, enquanto participante da década de 1980, na qual pensadoras como Evelyn Fox-Keller (1995), Genevive Lloyd (1984) ou Susan Bordo (1987) propuseram considerações profundamente desafiadoras a respeito do que significava conhecer a partir de um ponto de vista irrevogavelmente ligado a uma identidade de gênero e o que a empreitada das formas de explicar o mundo tinha a ganhar com a introdução da mulher como sujeito conhecedor. Para além disso, queremos também examinar como as proposições da autora se relacionam às formas mais complexas do pensamento fe-

minista. Mergulhando na forma como a própria autora entendia a noção de diferença, buscamos compreender de que maneira essa se constituía em relação a um esforço de descentramento da voz masculina, largamente representada nas teorias dos estágios do desenvolvimento moral como a de Lawrence Kohlberg (1981). Ainda é necessário inquirir quais nuances, diferenciações e interseccionalidades ficam de fora das análises de Gilligan quando essa é posta em seu contexto histórico e intelectual.

Diante dos objetivos apontados acima, estabelecemos o seguinte itinerário para o texto. Na primeira parte do texto, recuperamos alguns dos argumentos fundamentais de *In a Different Voice* no que tange aos intuitos epistemológicos sobre os quais constrói seus liames epistêmicos a respeito da diferença no desenvolvimento moral entre homens e mulheres; às escolhas metodológicas através das quais Gilligan realiza esse objetivo; e aos direcionamentos teóricos por trás da elaboração das éticas da justiça e do cuidado - utilizadas, respectivamente, para explicar o desenvolvimentos moral de homens e mulheres e denotar as assimetrias de suas considerações para as teorias psicológicas marcadas por modelos abstratos e masculinistas. Em seguida, localizamos Gilligan e seus raciocínios dentro das discussões elaboradas na década de 80, no que foi chamado feminismo da diferença. Essa empreitada se divide em dois momentos. Primeiramente, retomaremos as proposições de Gilligan em meio a outras autoras da crítica feminista da ciência, entendendo como *In a Different Voice* se encaixa em um cenário mais amplo de propostas epistemológicas que analisam o androcentrismo e a assimetria entre homens e mulheres que marca historicamente o lugar e o sujeito do conhecimento. Em seguida, consideramos como as proposições da autora se relacionam com as demandas de um pensamento que considera a *diferença dentro do próprio feminismo da diferença*. Assim, buscamos refletir de forma

mais complexa sobre os significados e disputas ligados à inclusão do sujeito feminino na ciência - e os argumento que tentam fazê-lo através de uma limitante caracterização do sujeito mulher apresentado binária monoliticamente como inversão e oposição do sujeito homem. Por fim, levando em conta as reverberações da obra de Gilligan, retomamos alguns dos argumentos principais trabalhados no texto e avaliamos o fôlego da obra da autora em meio a desenvolvimentos mais ramificados do campo de estudos do cuidado, organizado interdisciplinarmente e preocupado com interseccionalidades profundamente politizadas para além das dimensões éticas de *In a Different Voice*.

I - O que *Uma Voz Diferente* tinha a dizer?

Publicado originalmente em 1982, *In a Different Voice* trazia consigo uma abordagem crítica em relação à psicologia do desenvolvimento. Inspirada pelo ressurgimento dos movimentos de mulheres - tanto nas ruas, quanto nas universidades - na década anterior, Carol Gilligan apresenta uma proposta de alargamento epistêmico do campo da teoria do desenvolvimento moral. Seu intuito é demonstrar como a consideração das experiências femininas, historicamente minorizadas dentro da teoria psicológica, poderia oferecer um novo escopo para a teorização sobre o desenvolvimento moral. Ao longo de sua obra, a autora apresenta um argumento pela reconsideração dessa voz diferente - a voz feminina - como um elemento que possa expressar uma lógica própria de entendimento do juízo ético e da escolha moral para pensar o amadurecimento dentro do ciclo da vida.

Gilligan assume a importância metodológica da escuta às formas como as pessoas falam sobre suas vidas - a linguagem que utilizam, as conexões que estabelecem e os universos revelados por esses elementos. Nesse sentido, a autora constrói as análises do livro a partir de três estudos voltados a examinar, respectivamente, identidade e desenvolvimento moral no início da vida adulta

(*the college student study*), a conexão entre pensamento e experiência à luz de situações de conflito (*the abortion decision study*) e, por fim, a relação entre diferentes perspectivas sobre moralidade em relação à construção do *self* (*rights and responsibilities study*). Contudo, essa abordagem depende, antes de mais nada, de uma crítica dos modelos tradicionais de teorização do desenvolvimento moral feminino.

Se apoiando em autoras como Nancy Chodorow (1978), que abriram o caminho para repensar o processo através do qual uma falha na forma como a teoria do desenvolvimento moral representava a experiência das mulheres foi tomada como uma falha no próprio desenvolvimento feminino, a autora constata um limite nas teorizações de Freud³ e Lawrence Kohlberg (1981)) e outros. Como mostra Gilligan (1982), esses autores corroboram para uma padronização dos modelos de amadurecimento humano a partir de um olhar marcadamente voltado às experiências masculinas. Esse padrão assume que a diferença entre mulheres e homens na forma como lidam com parâmetros como senso de justiça, moralidade, abstração e individuação representaria um desenvolvimento deficitário por parte do primeiro grupo. Contrária a essa hierarquização, a autora apresenta a ideia de que o reconhecimento da validade da experiência feminina apontaria para a existência de dois modos distintos de operar moralmente – o primeiro marcado pela confluência de um senso de responsabilidade, pautado pelo esforço de entendimento e cuidado que seria transpassado por relações interpessoais, e o segundo marcado pela separação entre indivíduos e seus direitos indivi-

³ Podem, a título de exemplo, serem mencionados os textos do autor que, a partir da década de 1920, dedicam atenção maior ao desenvolvimento psíquico feminino estabelecido como normal ou ideal: artigos como *Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes*, publicado em 1925, e *Female Sexuality*, de 1931 – que, mais tarde, resultariam na conferência *Femininity*, publicada em 1933 – e o sétimo capítulo de seu *Compêndio de Psicanálise*, publicado em 1940.

duais na forma como cooperam ou disputam. Essas duas formas de funcionamento refletiriam a estruturação das identidades masculina e feminina. Uma focada na individuação e a outra na conexão. Uma direcionada para a competição, a outra para o cuidado.

Sub-representadas no âmbito empírico e desconsideradas no âmbito teórico, às mulheres era relegado um lugar inferior na escala do desenvolvimento moral. Largamente circunscritas ao estágio pré-convencional de amadurecimento no esquema avaliativo desenvolvido por Kohlberg (1981), a agência feminina era concebida de maneira limitada. Postas neste lugar de não-existência teórica, sua não agência era elaborada em relação ao ciclo de vida dos homens: receberiam seus ditames morais, em relação aos quais elas deveriam agir. Tuteladas teórica e moralmente, uma espécie de violência epistêmica as retratava de forma infantilizada – suas decisões pouco refletidas, guiadas por aspectos externos a si próprias e marcadas por um desenvolvimento moral distante de um processo de construção de possibilidade de autonomia cognitiva e moral. Posta do lado de fora das expectativas de amadurecimento completo, a experiência feminina seria àquela de um sujeito faltante: as mulheres não seriam sequer sujeitos da razão e do conhecimento. No fundo, não faziam parte de nível algum: com sua orientação pessoal, subjetiva e moral, voltada à obediência, eram preguiçosas e/ou incompletas demais, para avançar através dos degraus kohlberguianos em direção à maturidade.

A formulação de que a crise vivida em situações de desacordo com o meio conduziria a uma reflexão interna tinha o sujeito masculino como parâmetro. Nesse sentido, era enunciado que apenas entre homens seria concebível a linha que liga tomar alguma decisão, obedecer, normatizar e seguir critérios dados dentro de uma certa ordem externa, como processo de desenvolvimento moral. Portanto, quando se falava do indivíduo que espera encontrar alguém que o

conduza, que lhe diga como agir e que trate obediência como parte constitutiva deste amadurecimento masculino, fala-se do sujeito homem; ele é o real pano de fundo através do qual se concebe a moral convencional que se reportava exclusivamente aos seus interesses egocêntricos; ele se reporta a um código no qual identificam-se as regras morais comunitárias que devem ser seguidas por aquele que busca segurança e estabilidade emocional. Este sujeito masculino baseava um modelo interpretativo. O homem era aquele que Kohlberg tinha em mente quando imaginava um indivíduo chegando à fase pós-convencional – caracterizada como o grau de reflexividade superior e mais maduro na tomada de decisões, agora consideradas a partir de um solidificado senso de abstração ciente de princípios morais específicos. Contudo, essa verdade sobre o lugar do sujeito enquanto masculino permanece no âmbito do não dito (FEMENÍAS, 2017). Ainda assim, era a partir deste lugar que se pensava poder manter e formular os princípios universais potencialmente viáveis para todos, mesmo que, de fato, não fossem considerados passíveis de serem atingidos completamente por mulheres, já que elas pareciam não fazer uso os mesmos critérios abstratos utilizados pelos homens, tanto nas pesquisas de Laurence Kohlberg (1981), quanto de todos os que evitavam pesquisar mulheres porque não encontravam nelas reais sujeitos para fundamentar interesse teórico.

No estágio pós-convencional se encontraria, para fins teóricos e para legitimidade da teoria, o lugar da autonomia e da maturidade. O sujeito desse estágio deveria pensar por si mesmo e, antecipando o ponto de vista dos outros, deveria tecer um lugar para decisões livres dos julgamentos e das amarras da obediência. Decisões estas que seriam pautadas em princípios de uma moralidade de direitos e deveres, extensiva à sociedade como um todo. Nesta formulação, segundo Garrau e Le Goff (2010), o problema moral era definido como um

conflito entre as reivindicações de direito, resolvido através da razoabilidade dedutiva e abstrata, aplicada a partir da hierarquia de princípios – cujo modelo fundamental é o Direito, que rompe com os elos de interdependência e recusa a dependência e a relacionalidade. O modelo lógico dedutivo vinha assim pronto, acoplado a um sujeito moral masculino e de direito, que deveria se pautar por um engajamento na busca de raciocínios abstratos que lhe conferissem a possibilidade racional de decisão moral. A moralidade seria definida, portanto, por meio de direitos e deveres extensivos a todos (os homens).

Para que entendamos como Gilligan procede, tento em vista esse quadro de questões lógicas e pré-concebidas, um olhar mais atento ao dilema de Heinz pode nos ajudar. A esposa de Heinz está entre a vida e a morte, e ele deve encontrar uma medicação que a cure. Ele é informado de que o farmacêutico tinha o remédio necessário. Contudo, o protagonista do dilema não tinha dinheiro para comprá-lo – soma-se a isso, o fato de que o farmacêutico não aceitou baixar seu preço. Heinz deve roubar a medicação? Ele estaria certo em roubá-la?

Jake e Amy respondentes de 11 anos de idade, são submetidos a questões que variam e ampliam os parâmetros do dilema, de modo a revelar a estrutura subjacente do pensamento moral de cada um. De saída, as respostas iniciais parecem confirmar as conhecidas noções sobre diferenças entre os sexos. Jake, o pequeno garoto entrevistado, resolve o problema da forma esperada: como uma questão matemática. Sendo o valor da vida superior ao valor da mercadoria, o roubo seria justificado para todo aquele que abordasse essa mesma questão. Contudo, Gilligan chama a atenção às complexidades nas respostas da jovem Amy – que, em outros contextos, seriam vistas como dificuldades na resolução da questão. A entrevistada demonstra preocupação com a possibilidade da prisão de Heinz – que deixaria sua esposa doente desassistida – e questiona a inflexibilidade do farmacêutico frente ao iminente risco de vida da mulher enferma. Suas

respostas não permitem discutir a estrutura interna do problema moral de Kohlberg (1982) a medida em que ela própria elabora o problema de modo diferente.

Gilligan verificou que as pesquisas, focadas nas respostas dos rapazes, e as teorizações construídas a partir desses problemas pareciam não dar conta da vida das pessoas, dos seus dilemas, silêncios e dos conteúdos vividos em suas experiências e decisões. Oferecendo respostas diferentes daquelas prescritas nos modelos de desenvolvimento construídos a partir da experiência e elaboração masculinas, a voz das mulheres era relegada ao campo da não existência. Dessa forma, coloca-se em questão: o que pensamos quando a resposta recebida não é a esperada? E se outras respostas, silêncios e demoras nas respostas não eram indícios de outros conflitos e dilemas realmente ligados à vida e que exigiam abordagens contextuais, relacionais, tendo em vista interdependências mais amplas? Abordagens que considerassem de fato a experiência e a voz. Nesse sentido, a autora define essa inquietação da seguinte forma:

Quando as pessoas perguntam-me o significado de voz e eu penso mais refletidamente sobre a questão, digo que por voz eu entendo algo semelhante ao que as pessoas expressam quando falam do âmago de si mesmas. Voz é natural e, também, cultural. É composta de respiração, som, palavras, ritmo e linguagem. Voz é um poderoso instrumento psicológico e um canal que conecta os mundos interno e externo. Falar e ouvir são uma forma de respiração psíquica. Esta troca relacional contínua entre as pessoas é mediada através da linguagem, cultura, diversidade e pluralidade. Por estas razões, voz é uma nova chave para a compreensão da ordem psicológica, social e cultural, um teste para os relacionamentos e uma medida da saúde psicológica (GILLIGAN, 2003, p. xvi. Tradução livre).

Gilligan coloca assim seu foco sobre o conteúdo da voz e do vivido, tomando o aspecto intrigante da diversidade de respostas possíveis e as marcas das experiências narradas como complexidades da solução dos dilemas morais. Esse é o lugar interpretativo a partir do qual a autora organiza as outras pesquisas mencionadas acima. A partir desse ponto de vista analítico, a autora explora

situações concretas da vida de estudantes (de quem os pais precisavam) que deixaram sua cidade natal para adentrar a faculdade; tenta compreender as questões que perpassam a vida de mulheres que precisavam enfrentar dilemas relativos a gravidez e aborto; e se debruça para a forma como pessoas desenvolvem questões de direitos e responsabilidades em suas vidas.

Dessa forma Gilligan observa que outros conteúdos traziam indícios que tensionavam as decisões morais e, que estas eram precedidas pelas necessidades, pelos contextos e pelas relações nas quais as vidas dos sujeitos da pesquisa estavam inseridas. Os dilemas morais nasciam de situações muito concretas da vida e dos conflitos que os acompanhavam na própria solução do conflito e, não de etapas pré-estabelecidas como encaixes em modelos, embora os princípios da justiça devessem acompanhá-los. Era, portanto, necessário inverter o modelo teórico do desenvolvimento moral e olhar as pessoas na realidade da vida delas.

Essa empreitada surgia do desafio de pensar as dependências mútuas. Nessa tarefa, não se ausentou das regras que são mantidas no que definiu como uma ética da justiça, mas sabia que na vida real as coisas não funcionariam por meio de princípios abstratos – contraste que marcava as vidas de homens e mulheres. Percebia que as mulheres estavam cientes da diferença entre o direito à vida e as outras emergências, contidas em uma multiplicidade de relações e diferentes ações possíveis frente aos dilemas morais. Isto a coadunava com as discussões da diferença que o feminismo da época propunha.

Desde o seu olhar havia nas mulheres, um raciocínio diferente, e, mostrar estes aspectos por meio de sua pesquisa provocava rupturas nas teorias consolidadas. Esse argumento se constrói através de uma longa linha de raciocínio,

preocupada em centralizar as possibilidades epistêmicas contidas em uma análise da experiência feminina que possibilitasse reinterpretar o que a decisão moral significa nos processos formativos de diferentes identidades de gênero.

Gilligan lança um olhar sobre diferentes ângulos do ciclo de vida das mulheres, examinando como se constroem os aprendizados a respeito de relacionamentos, dos processos de escolha e de inserção do eu em um todo reimaginado à luz da interdependência. Nesse sentido, quando a autora propõe uma reinterpretação do Dilema de Heinz, popularizado como exemplo de demonstração dos estágios de desenvolvimento moral de Kohlberg, seu objetivo é desafiar o modelo que assume atraso ou dificuldade no amadurecimento feminino quando esse oferece soluções para seus problemas de outros modos que não a partir de princípios abstratos e hierarquizados – que dependem da pressuposição de uma racionalidade que assume para si a validade de convenção nos processos decisórios de um outro sempre generalizado. Para além de um diagnóstico da falta – uma análise focada em descrever o que o comportamento feminino não é –, Gilligan busca entendê-lo de sua positividade, a partir dos fundamentos éticos que possam estar contidos nele.

A inversão argumentativa possibilita o acesso a um ponto de vista a partir do qual nenhuma resolução de problemas pode ocorrer de maneira separada do conjunto de relacionamentos interpessoais no qual está envolvida. Nesse sentido, a análise da perspectiva feminina aponta para uma formação moral que não opera a partir de princípios abstratos - da mesma forma como se faria em um problema de matemática -, que se recusa a abrir mão da avaliação concreta dos efeitos que as decisões individuais trazem à rede de ligações entre as pessoas dentro de um determinado cenário. No lugar da generalização dos processos de escolha e sentimento, Gilligan nota a elaboração de uma responsividade e um senso de interdependência que, de fundo, delimitam e complexificam o âmbito

da resolução de problemas e da concepção de relações intersubjetivas para mulheres.

Sendo uma exceção, a (re)interpretação proposta pela autora em meio às teorizações do campo psi à sua época aponta, ela mesma, para o problema da escuta da voz das mulheres nos processos decisórios e conflituos que circundam a moralidade. A mesma dificuldade que transpassa a possibilidade de escuta da voz feminina por parte da psicologia e da psicanálise enquanto saberes disciplinares envolve a experiência de mulheres que, ao longo de seu amadurecimento pessoal, têm de lidar com imperativos culturais que, de diferentes maneiras, impedem, segundo Gilligan, que elas ouçam a si mesmas. Nesse sentido, as barreiras enfrentadas pela mulher para ouvir a si mesma desaguardariam na dificuldade em desenvolver um senso de si mesma (*sense of herself*). Frente aos filtros masculinistas para a expressão e avaliação do desenvolvimento moral, o lugar da diferença aqui é delimitado, como lugar de falta de incapacidade.

Contudo, a análise de *In a Different Voice* aponta para uma leitura do amadurecimento feminino que possa ser compreendida em seus próprios termos e descrita a partir do que a autora chamou de ética do cuidado. Substitui-se a monotonia de uma narrativa única do desenvolvimento moral pela possibilidade de pensar o juízo feminino através de um norteamento que não seja masculinista. Diferente da ética da justiça – usada por Gilligan para se referir à codificação do desenvolvimento masculino medido através da elaboração de noções de impessoalidade, separação, individuação, hierarquização de princípios para resolução de problemas e generalização do outro –, coloca-se uma ética que marca a socialização e a identificação feminina. Nesta perspectiva, a lógica principal é a da conexão e a percepção de si em uma rede de interdependências. Assim, a elabo-

ração de decisões para os dilemas morais e crises enfrentados por mulheres recorreria a ideias como as de responsividade, responsabilidade e reconhecimento da conexão em rede das diferentes pessoas e de suas necessidades.

A formação feminina, teorizada a partir da perspectiva do cuidado, não significa necessariamente a negação de si – embora a autora reconheça um forte impulso nesse sentido por parte da cultura patriarcal no ocidente. Ao analisar os processos decisórios e elaborativos de mulheres que enfrentam conflitos frente a tomada de decisão relativa à possibilidade de abortar gestações, por exemplo, Gilligan nota que o foco inicial do processo se centra na sobrevivência individual (cuidado de si) que, depois de confrontado com as rotulações que ligam o *care of self* à ideia de egoísmo, encaminha-se para um novo conceito de responsabilidade que liga o “eu” ao cuidado do “outro” – envolvidos em relações de assimetria que levem em conta diferentes avaliações de vulnerabilidade e dependência. Por fim, a autora aponta que a experiência de atender às necessidades do “eu” e do “outro” levaria a uma noção reformada do cuidado como um princípio escolhido, que se mantém concreto em sua atenção às necessidades alheias e mais amplo em sua condenação de formas de ignorar as redes nas quais as pessoas se encontram inseridas.

No processo de amadurecimento feminino, a ética do cuidado conduz a uma imagem do *self* ligada a uma concepção interdependente de vida. Socialização, identificação, crises e suas resoluções marcariam um ponto de vista que revela a relação e a conexão como eixos centrais de sustentação de um “eu” que existe em uma rede de vulnerabilidades e interdependências compartilhadas. Para Gilligan, essa voz diferente indica um cenário que supera a dualidade simplista entre egoísmo e altruísmo, entre voluntarismo e negação de si - uma polarização que, lembremos, sustentou grande parte do debate sobre a ação na teoria moral moderna para autores como Kant, Hobbes e John Locke, por exemplo.

Para a autora, a questão da escolha individual dentro do desenvolvimento moral feminino se torna fundamental tendo em vista a inserção da mulher como sujeito político na esfera pública - tema que ganha tremenda força nos Estados Unidos dos anos 1970 e alicerça toda a concepção de *In a Different Voice*, como afirmado pela própria Gilligan ao refletir sobre o contexto da publicação original do livro. Dessa forma, são trazidas à baila resoluções como a *Declaração dos Sentimentos* (1848)⁴ - advinda da famosa Conferência de Seneca Falls - e ideias anteriores sobre os direitos das mulheres apresentadas por autoras na época já inseridas em uma linhagem de proto-feministas para as pensadoras do ocidente⁵. Aqui, o esforço de ampliação epistêmica e do reconhecimento da positividade de um processo de amadurecimento moral propriamente feminino está imbricado em um movimento mais amplo de reflexão sobre a mulher enquanto parte da vida política, como sujeito de direitos e deveres.

A conclusão de *In a Different Voice* reforça essa última ligação. Vista sob o mérito de um desenvolvimento válido em si mesmo - e não como uma forma incompleta de amadurecimento comparado àquele descrito e experimentado majoritariamente dentro da experiência masculina - a voz feminina permitiria entender o cruzamento entre as ferramentas através das quais conhecemos, amadurecemos moralmente, interagimos com outros e nos comunicamos e as diversas maneiras (nem sempre reconhecidas) de existir enquanto indivíduo que vive sua vida a partir de sua formação masculina ou feminina.

⁴ Formatada à imagem da *Declaração de Independência* dos EUA, mas inspirada na *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã* - escrita por Olympe de Gouges, em 1791, respondendo à *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, publicada em meio aos eventos que marcariam a revolução francesa, em 1789 - o documento norte-americano se torna um marco de argumentação pelos direitos das mulheres (brancas) no ocidente.

⁵ O principal exemplo a ser citado nesse contexto seria o da pensadora inglesa Mary Wollstonecraft e seu texto clássico *A Vindication of the Rights of Woman*, publicado originalmente em 1792.

Tendo em vista as complexidades internas da obra de Gilligan, na seção seguinte, refletiremos a respeito das maneiras pelas quais os argumentos da autora se relacionam a um movimento específico dentro da intelectualidade feminista norte-americana nas décadas de 1970, 1980 e 1990, dedicado a uma crítica das formas tradicionais de conhecer no ocidente.

II - A diferença como eixo epistemológico

Poderíamos dizer que Gilligan, na construção de seus argumentos centrais, tinha em mente questões que se voltavam a como conhecer a diferença entre homens e mulheres; especificamente, de que maneira interpretar essas diferenças na forma em que se apresentam nos estudos - citados anteriormente - que se dedicaram a construir modelos hegemônicos para o entendimento do desenvolvimento moral. Contudo, também não estaríamos errados se assumirmos que, na base de *In a Different Voice* estão postas questões como: qual é a importância da experiência feminina frente à história da literatura psicológica desenvolvida ao longo do século XX? Qual é o seu valor frente ao *corpus* de interpretação acumulado até então? Consideradas desta maneira, as questões de fundo para o esforço analítico de Gilligan não são muito diferentes daquelas que ligaram diferentes análises críticas feministas sobre o papel da mulher na ciência como sujeito conhecedor e como sujeito a ser conhecido. Para a autora, não bastaria simplesmente adicionar mulheres à mistura e agir como se esse fosse todo o esforço necessário para inseri-las significativamente e coerentemente na construção de estruturas de explicação do mundo. Que valor teria a experiência das mulheres posta simplesmente como um adereço no topo da pilha de conhecimento acumulado cientificamente, sendo tomada como uma via de desconstrução das bases desse aglomerado de análises e conjecturas?

No ramo de pesquisa de Gilligan, a questão se colocava de forma particularmente importante. As concepções sobre o desenvolvimento moral desenvolvidas até as últimas décadas do século XX largamente ignoravam as possibilidades contidas em uma interpretação da experiência feminina que não a enxergasse como uma mimese secundária em relação ao desenvolvimento masculino. O itinerário da formação sexual de Freud - que postulou a mulher como o “contingente negro da psicanálise” - formulou a explicação para o desenrolar da personalidade da mulher apenas depois que os moldes do modelo do complexo de Édipo masculino já estavam solidificados e, dessa forma, não sobrara muito à trajetória da formação da feminilidade heterossexual normal que não o lugar de ser interpretada como uma criatura faltante em relação aos construtos que já explicavam a maturação masculina. Na psicologia norte-americana, uma tendência parecida transpassava as teorias do ciclo da vida largamente acolhidas, como as de Erik Erikson e Daniel Levinson - que postulavam um itinerário das questões importantes para a formação do indivíduo e as questões que ele enfrentaria tendo, fundamentalmente a figura masculina em mente.⁶ Mais tarde, essa questão se evidenciaria no modelo de análise do desenvolvimento moral organizado por Lawrence Kohlberg, que, assim como seus antecessores, assumia a experiência masculina como o gabarito em relação ao qual se poderia avaliar o estágio do amadurecimento de uma pessoa - fosse ele pré-convencional, convencional ou pós-convencional. Incluída na produção científica majoritariamente com o objetivo de ser encaixada no que Thomas Kuhn (1998) chamaria de quebra-cabeças da produção paradigmática da ciência normal, não é surpreendente a constatação

⁶ Quando falamos sobre Erikson, a difusão significativamente menor de textos como *Inner and Outer Space: Reflections on Womanhood* (1964) em relação a *Identity and the Life Cycle* (1959) apenas reforça nosso argumento. A respeito de Levinson, a mesma conclusão pode ser retirada do fato de que a publicação de *The Seasons of Women's Life* (1996) surgiria quase 20 anos depois de *The Seasons of Man's Life* (1978).

da autora de que a disparidade entre a experiência das mulheres e a representação do desenvolvimento humano na bibliografia psicológica fosse geralmente tratada como resultado de um problema no desenvolvimento das próprias mulheres (GILLIGAN, 2003, p. 2).

A partir das evidências empíricas encontradas nos três estudos analisados em *In a Different Voice*, Gilligan apresentou uma inversão argumentativa que colocaria as instruções do quebra-cabeça em questão. É importante que reconheçamos que os fatos apresentados pela autora ao longo do exame de seus dados não são em si mesmos revolucionários. A verdadeira descoberta apresentada no livro vem do reconhecimento dos limites da estrutura interpretativa responsável por representar teoricamente o desenvolvimento moral de mulheres. Padronizando a experiência humana a partir de um olhar enviesadamente voltado à experiência masculina – codificada a partir do amadurecimento e do desenvolvimento das faculdades éticas pautadas pelo norteamento da vida a partir de princípios abstratos e impessoais, assim como pela separação radical entre o eu e o outro – o resultado lógico é que as divergências em relação a este modelo fossem tratadas como uma limitação das mulheres em alcançar o desenvolvimento moral visto como normal. Tomando representação por realidade, grande parte da produção na área transforma um problema na elaboração das teorias em uma falha supostamente diagnosticada no próprio objeto empírico que pretendia observar. Nesse sentido, a autora propõe um alargamento epistêmico a respeito das narrativas sobre o desenvolvimento moral, considerando positivamente a experiência feminina a partir de sua diferença em relação ao corpo de conhecimento sedimentado:

Assim, desejo restaurar em parte o texto que faltava sobre o desenvolvimento das mulheres, conforme elas descrevem suas concepções de self e moralidade nos primeiros anos da idade adulta. Ao focar principalmente nas diferenças entre os relatos de mulheres e homens, meu objetivo é ampliar a compreensão do desenvolvimento, incluindo as

perspectivas de ambos os sexos. (GILLIGAN, 2003, p. 156, tradução livre).

A crítica das maneiras pelas quais a observação científica hegemônica – ainda desproporcionalmente masculina – clamava para si a autoridade constituída a partir de um princípio de “objetividade” na análise do fato empírico ganha potência dentro da intelectualidade feminista e é apresentada de diversos ângulos diferentes a partir de década de 1970. Adrienne Rich (1971) por exemplo, separara as esferas institucionais e experienciais da vida feminina envolvida no sistema patriarcal que pretendia substituir o conhecimento tradicional feminino sobre o corpo pelo saber médico institucionalizado e distinto em sua masculinidade objetivista. Em *Of Woman Born*,⁷ a autora argumenta que essa separação levava a uma alienação da mulher a respeito de seu próprio corpo e não se separava do projeto de controle da reprodutibilidade feminina, vista nesse sistema técnico como o destino biológico ao qual a mulher poderia ser factualmente reduzida. Outra pensadora que mais tarde se tornaria um nome conhecido dentro da crítica feminista da ciência, Sandra Harding (1979), também já apresentava suas primeiras análises a respeito de como o espírito empiricista que imaginava ter o poder de acessar “diretamente” os fatos – posição reivindicada por escolas psicológicas como as de Skinner, por exemplo – consistia, ele mesmo, em uma espécie de prescrição auto-realizante, dogmática e benéfica apenas para as formas de conhecer já hegemônicas (HARDING, 1979). O mesmo impulso, inseparável do abalo das estruturas de conhecimento gerado pelo novo fôlego dos movimentos de mulheres dessa época, movia Gilligan quando afirmava que no centro de seu trabalho estava o reconhecimento de que, dentro da psicologia e, de forma mais larga,

⁷ Livro publicado originalmente em 1976. Usamos aqui a edição de 1995.

da sociedade, valores estavam sendo tomados como fatos (GILLIGAN, 2003, p. xv).

Conforme posto por Sara Ruddick ao reeditar *Maternal Thinking* em 1995,⁸ a década de 1980 foi preenchida por um feminismo otimista a respeito das possibilidades de fazer brilhar a diferença, antes usada para oprimir mulheres, mas que então serviria como chave para transformar as condições de vida feminina (RUDDICK, 1995, p. ix). Deixando de ser vista como deficiência, a distinção dos modos de viver e pensar das mulheres, combinada a constatação da existência de um regime hegemonicamente patriarcal, seria transformada em alternativa para as formas de conhecer o mundo e organizá-lo. Tomada como um objeto de valor epistêmico, a experiência feminina ganha uma potência argumentativa que possibilitava, através do contraste, apontar a parcialidade das estruturas de explicação que antes pareciam universais, neutras e infinitamente aplicáveis. Autoras como Harding, Genevive Lloyd e Susan Bordo se debruçam sobre eixos centrais na história da filosofia e da teoria do conhecimento a fim de, como diria Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas* (2000), restituir as rupturas e a instabilidade do solo aparentemente ingênuo, silencioso e imóvel sobre o qual nos apoiamos. *Is Gender a Variable in Conceptions of Rationality? A Survey of Issues* (1982), publicado por Harding no mesmo ano do lançamento de *In a Different Voice*, utiliza muitos dos raciocínios que já vinham sendo desenvolvidos por Gilligan para ampliar a discussão sobre os limites normativos da ideia de lógica e racionalidade com normatizações generificadas que influenciavam o sujeito do

⁸ O livro da autora norte-americana foi publicado originalmente em 1989.

conhecimento.⁹ Bordo, em *The Flight to Objectivity: Essays On Cartesianism and Culture* (1987) se debruça sobre o racionalismo cartesiano e constata o objetivismo de seu método como efeito de uma “fuga da feminilidade”, característica do século XVII e sua proto-modernidade que alinharia, através de um discurso binário, masculinidade com objetividade e feminilidade com a incerteza do saber subjetivo. De maneira parecida, Lloyd, em *The Man of Reason* (1984), lança um olhar geral sobre como a diferença dos gêneros é influenciada pela maneira em que a ideia de Razão é empregada para descrever homens e mulheres na história de algumas das maiores referências do pensamento ocidental.

Grande parte do terreno crítico dentro do qual essas análises puderam florescer se torna disponível a partir de uma topografia que, em muito, está conectada aos esforços analíticos de Gilligan.¹⁰ O ferramental teórico organizado pela autora para diferenciar os desenvolvimentos masculinos e femininos através das éticas da justiça e do cuidado serviram - como outros estudos feministas da época - a uma dupla função: as conclusões do trabalho da autora traziam consigo novas considerações na forma de conceber as mulheres como sujeito conhecido, mas, também, implicitamente, inseriram a experiência feminina de forma definitiva e transformadora no rol de considerações obrigatórias a respeito do sujeito

⁹ Em seu texto publicado no volume 36 da revista *Dialetica*, Harding cita diretamente o artigo *Woman's Place in Man's Life Cycle* que, antes de se tornar o primeiro capítulo do principal livro de Gilligan, foi publicado pela autora no periódico *Harvard Education Review* em 1979.

¹⁰ É de fundamental enfatizar que Gilligan também se apoia, ela mesma, em inversões interpretativas que a possibilitaram traçar seus esquemas analíticos. Dentro do encadeamento feminista traçado aqui, talvez o nome mais importante a se lembrar seja o de Chodorow. Elaborações como as de *The Reproduction of Mothering* (1978) foram essenciais para uma consideração positiva da formação da identidade sexual feminina a partir da psicanálise que pudesse substituir o paradigma freudiano de uma feminilidade faltante. Mais do que a consideração construtiva das experiências vividas por mulheres, Chodorow também abriu o caminho que possibilitou pensar uma formação de um *self* que fosse pautado pela conexão (*attachment*) e que, em sua diferença para com os processos de individuação marcantes da construção da identidade masculina, não fosse considerada defeituosa. Ainda que, mais tarde, em *Remapping the moral domain: New images of self in relationship* (1988), Gilligan se afaste da teoria da relação de objetos, essas elaborações têm profunda influência sem suas análises desde o início de suas pesquisas sobre o tema.

conhecedor. Além de sua apropriação para uma disputa sobre uma pluralidade cognitiva de acessar e explicar o mundo, os textos que compõem *In a Different Voice* contribuem para a construção de um projeto crítico feminista mais amplo, que resulta em, como afirmou Evelyn Fox Keller (1985), fazer do lema “o pessoal é político” uma metodologia que, quando aplicada à ciência, mostra que “[...] the logical extension of the personal as political is the scientific as personal” (FOX KELLER, 1985, p. 9). Nesse sentido, o compromisso de Gilligan com um giro em direção a uma epistemologia relacional – que movesse a discussão não em direção a um relativismo mas à relacionalidade evidenciada pela diferença - pode ser muito bem expresso nesta citação de *Reflections on Gender and Science*:

Mas a vida dos homens é impessoal porque e na medida em que a vida das mulheres é pessoal. A política impessoal do homem público ainda depende criticamente de seu casamento com uma mulher domesticada na esfera privada; sua racionalidade tem como premissa sua capacidade de incorporar a emoção da qual a razão foi purificada. Em outras palavras, o político revela seu conteúdo pessoal por sua dependência de uma divisão programática entre público e privado, uma divisão que é em si uma construção política com significado pessoal. (FOX KELLER, 1985, p. 9, tradução livre).

Juntos, esses trabalhos constroem uma potencialização epistêmica da ideia de uma experiência feminina, usada como forma de desestabilizar e disputar os modelos do conhecimento. Quando elaborado de maneira propositiva, o impulso que moveu todas essas autoras – ao qual Carmen Adán (2006) chamou de “pensamento da diferença” - pôde perturbar a tautologia das coisas que muitas vezes blinda termos como “lógica”, “razão” e “objetividade” e evita que sejam atrelados a uma história e a pontos de vista parciais e políticos. Nesse sentido, ao desafiar as etapas do desenvolvimento de Kohlberg e a “posição objetiva” que garantia a ele e ao cânone sua autoridade argumentativa, Gilligan, assim como muitas das feministas de seu tempo, contestou as estruturas de poder imbricadas nos próprios processos do conhecer:

Mas a assim chamada posição objetiva que Kohlberg e outros defendiam dentro do cânone da pesquisa tradicional em ciências sociais era cega para as particularidades da voz e as construções inevitáveis que constituem o ponto de vista. Por mais bem-intencionado e provisoriamente útil que possa ter sido, era baseado em uma neutralidade inerente que ocultava o poder e falsificava o conhecimento. (GILLIGAN, 2003, p. xviii, tradução livre).

Ao analisar a forma como pessoas de diferentes idades, contextos e sexos lidam com dilemas morais pelos quais passam ou aos quais são apresentadas e, a partir desses dados, constituir as categorizações das éticas da justiça e do cuidado, Gilligan está participando de um movimento mais amplo de invasão e revisão da fundamental questão kantiana posta em *Crítica da Razão Pura*¹¹. No lugar de nos perguntarmos como podemos conhecer - questão que supõe um nós abstraído e universalizado na face d'O Homem -, deveríamos agora nos perguntar como quem somos e os lugares nos quais somos postos socialmente, nos permitem conhecer. Por exemplo, em *The Generalized and the Concrete Other: The Kohlberg-Gilligan Controversy and Moral Theory* (1992), Seyla Benhabib desenvolve as considerações de *In a Different Voice* a partir de um mapeamento do território moderno dividido entre a esfera pública ocupada pela imagética do homem burguês - envolvido em relações de troca, cooperação e competição marcadas pela individuação dos atores independentes e radicalmente autossuficientes e pela elaboração ética abstrata (portanto universal) que celebra a transição da moralidade convencional para a pós-convencional - e pela ideia da mãe que pertence ao lar da família burguesa - espaço da reprodução, do amor, do cuidado, do compartilhamento e da inseparabilidade afetiva entre os indivíduos.

Da mesma forma, a autora explora a separação conceitual entre outro particular e outro generalizado apropriada brevemente por Gilligan a partir da

¹¹ Publicado originalmente em 1781, o livro foi amplamente influente na imaginação do sujeito moral ao longo da modernidade ocidental.

obra de George H. Mead¹² e a rearticula através de uma nova divisão entre um outro *concreto* e um outro *generalizado*. Este segundo lugar existe como herança repassada entre teóricos da modernidade europeia como Hobbes, Locke, Kant e Rawls que emerge também na discussão do desenvolvimento moral através dos modelos elaborados por Kohlberg. Este sujeito coloca em movimento suas engrenagens a partir da pressuposição de que o eu, como agente racional puro, poderia presumir a mesma interioridade para seus pares e, dessa forma, teria a capacidade de antecipar conclusões aceitáveis para todos, em todos os momentos e lugares. A diferença, como princípio de reversão argumentativa que tornou *In a Different Voice* possível, também serviu para que Benhabib (1992) pudesse articular criticamente a ideia de concretude que, tanto em termos morais como epistemológicos, recusa uma reciprocidade formal dos reconhecimentos múltiplos em função de uma reciprocidade tangivelmente interdependente.

Mais recentemente, autoras como Patrícia Paperman (2019) delimitam uma vizinhança temática entre o pensamento da diferença, a experiência das mulheres, os saberes construídos a partir da sensibilidade – normalmente excluída do âmbito do conhecimento objetivo construído na qualidade de um imperativo racional culturalmente estabelecido como masculino – e um apreço pela análise da concretude que toma o lugar do exame de princípios lógicos ou abstratos. A autora afirma que a proposta de Gilligan se aproxima de outras pensadoras feministas, como Dorothy Smith e sua premissa de tratar o mundo cotidiano como uma problemática da metodologia feminista. Nesse sentido, reforça-se a potência

¹²*Mind, Self and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist*, publicado originalmente em 1934.

combinada dos conteúdos trazidos pela voz diferente, mas também de sua própria presença e a reivindicação de sua justeza frente ao horizonte do conhecimento tão masculinamente enviesado.

Efectivamente, la voz diferente para Gilligan es importante por lo que dice, pero asimismo porque encarna una resistencia a la disociación producida por el pensamiento patriarcal en la experiencia de las personas y el conocimiento que de ello tienen, una resistencia a la jerarquización de las preocupaciones morales. (PAPERMAN, 2019, p. 15).

Em suma, a proposta de uma epistemologia relacional a partir da qual Gilligan afirma fundamentalmente a potência argumentativa da experiência feminina, inserida no debate sobre a mulher enquanto sujeito conhecido e conhecedor. A voz diferente que dá título à principal obra da autora emerge como provocação para a construção de um diálogo – em um período no qual se tornava cada vez mais sólida a constatação de que o conhecimento legitimado, até então, soava como uma empreitada monológica.¹³ *In a Different Voice* recorre ao horizonte semântico feminista de um tempo, preocupado em entender como e para que fins se constituíram as dicotomias hierarquizadas entre o racional e o sentimental, o abstrato e o concreto, o geral e o particular, a cultura e a natureza, o público e o privado, entre o masculino e o feminino, entre outras. Revisitando esse contexto, porém, é necessário considerá-lo à luz do que Sara Ruddick (1995) chama, reflexivamente, de romantizações e controvérsias que rondavam a ideia de diferença desde sua inclusão no debate epistemológico da segunda metade do século XX.

Entendendo como a proposta de Gilligan se encontra no pensamento da diferença e a forma como este apoia uma crítica feminista da ciência que ganha fôlego nas últimas décadas do século XX, agora é hora de examinarmos mais de

¹³A própria Paperman (2019, p. 49) compara o ímpeto em abandonar uma “postura monológica” contido na perspectiva do cuidado a outras propostas críticas como os estudos subalternos, pós-coloniais e outros.

perto as complexidades da forma como a autora faz uso da ideia de diferença e, nesse ímpeto, questionarmos como sua obra se relaciona com as propostas que clamam pelo reconhecimento de diferenciações dentro da própria diferença, enquanto plataforma epistemológica para o pensamento feminista.

III – Costurando a diferença: Gilligan e desafios para desdobramento da teoria feminista

Os aspectos anteriores conectam Gilligan ao contexto mais amplo da relação entre feminismo e a crítica à ciência tradicional nas últimas décadas do século XX, que tinha o intuito de desnaturalizar os pressupostos de universalidade e neutralidade e trazer ao centro as diferentes vozes utilizadas pelas mulheres em diferentes áreas do conhecimento – esforço realizado em um contexto de grande resistência epistêmica. Nesse sentido, com o intuito de apontar alguns desdobramentos relevantes em relação às discussões em torno de temas como gênero e cuidado, se faz necessário chegarmos mais perto da ideia de diferença como entendida pela própria autora ao falar sobre o lugar de produção e vivência da voz diferente.

Conforme já anunciado, Gilligan construiu sua crítica à teoria do desenvolvimento moral elaborada nas décadas anteriores às suas próprias pesquisas. Através dela, a autora analisa como os estudos desenvolvidos por Lawrence Kohlberg – com quem ela própria colaborou ao longo de sua carreira até aquele ponto – construíram uma disparidade entre “a experiência das mulheres e a representação do desenvolvimento humano, implicando em um grave problema na teoria” (GILLIGAN, 1982, p. 11). Gilligan constata uma sub-representação das vozes e experiências das mulheres no plano das teorias que retratavam o amadurecimento moral, bem como sua desconsideração no próprio campo das respostas empíricas – cenário inseparável de uma visão biologicamente determinista a

respeito da concepção de uma “natureza feminina”, tomada como contraditória em relação à maturidade moral.

Como a autora afirma, a negligência em relação a experiência feminina se dava por causa de um viés que ligava a explicação do desenvolvimento moral à aplicação de grandes princípios abstratos e dedutivos, assim como as vozes eram igualmente de uns poucos homens consideradas como se fossem de todos. Este aspecto de sua percepção agregava aos marcadores da diferença uma tensão importante porque, por um lado, reconhecia o perigo de um resgate do feminino que seria nocivo às mulheres – sendo já bastante acionado como virtudes universalizáveis investidas em ideias como atenção, amor, dedicação e empatia –, por outro, localizava-se nas fronteiras da criação de uma ciência feminista que viria a denunciar relações de poder, invisibilizações e essencializações contidas na própria elaboração da ideia de uma ética do cuidado – apontadas por pensadores que estavam problematizando a ideia de uma diferença binária e que não se apoiariam em um vínculo tão próximo entre sexo e identidade, como fez Gilligan.

A autora está escrevendo em um contexto tenso, em que muitos também vinculavam a produção científica das mulheres ao seu sexo e não ao seu lugar político; construíam assim sua invisibilidade. Comumente confundia-se o lugar das mulheres na produção da ciência e, muitas vezes, se considerava que a simples presença feminina na prática acadêmica significaria uma mudança, independente de seus lugares políticos. O fato é que Gilligan concebia a moral como estando ligada a uma ética do cuidado que orientava o entendimento do desenvolvimento moral ao redor dos conceitos de responsabilidade e de relações humanas dependentes. Este lugar soava ambíguo para as próprias, tendo em vista que, ao contrário de denunciar a base dicotômica e a díade razão/emoção, Gilligan acionava justamente a diferença na forma como as mulheres construíam

soluções para os dilemas morais, criando uma díade que relacionava as éticas do cuidado e da justiça.

A autora construiu sua teoria crítica na tensão entre ditames de um discurso e de práticas que mantinham bases pré-políticas, como se as ações e decisões, fossem anteriores à ação humana (VARIKAS, 2003; FAUSTO-STERLING, 2001), enfatizando, ao mesmo tempo a necessidade de deixar os pressupostos da ética da justiça kantiana a fim de perceber uma nova definição de orientação moral – pautada pela vontade de se relacionar com outros e pelo reconhecimento das singularidades próprias aos contextos e situações concretas nas quais aquela que age está inserida. Dessa forma, ainda que o fizesse de maneira limitada, Gilligan desbancava a ideia de que os homens chegariam à ordem e as mulheres, frequentemente desfocadas, seriam incapazes de conduzir normas e processos de desenvolvimento humano fundamentados eticamente. No contexto das teorias do desenvolvimento moral, o amadurecimento masculino não era considerado como capaz apenas por sustentar os testes de uma teoria, mas também porque povoavam um imaginário de representações a respeito da masculinidade vista como competente, madura, organizada e apta a tomar decisões de forma lógica e global. Mais amplamente, essas imagens do masculino se constituíam no interior de uma episteme forjada desde os pactos políticos relativos ao determinismo da biologia e da natureza no fazer científico do século XIX – traço posteriormente denunciado pelas feministas como pensamento androcêntrico e heterocentrado (GARDEY; LOWY, 2000).

No contexto das teorias do desenvolvimento moral, como para muitas outras áreas, o masculino foi tomado como uma perspectiva fechada, universal e homogênea, que concebia a si mesma como sinônimo de “Humanidade”. Assim, ele também necessitava ser repensado – ainda que essa não fosse a meta feminista em geral. Assumindo o ponto de vista de uma teoria universal, essa perspectiva

era, na verdade, parcial. Ela omitia questões sobre a vida e as experiências diversas das mulheres, limitando-se a um modelo logicista de maturidade, cujo primado era tomado dedutivamente e encaixado ao que, na verdade, era apenas uma das construções possíveis a respeito da realidade sobre o amadurecimento humano. Mais ainda, esse modelo, forjado a partir do que se pretendia que fosse um processo de universalização das formas de pensar ética e justiça, era pobremente branco e ocidental. Assim, a autora se relaciona com a proposta de desconstrução dessa visão androcêntrica, que já figurava entre as tarefas assumidas pelas pesquisadoras feministas da época. É importante lembrar, contudo, que, dentro do feminismo da diferença, também se tensionava a ideia de diferença construída por contraposição, como na teoria dos papéis sexuais – que, aos poucos, se revelava limitante para a apreensão da diversidade de contextos, de relações e de situacionalidades em contextos de análise.

A voz masculina, pensada como diferenciação (BRAH, 2006), também estava posta na produção teórica feminista desenvolvida ao longo dos anos 1980 – ainda que essa não fosse uma preocupação da proposta teórica de Gilligan, que opta por unir identidade e moral para criticar o paradigma das teorias do desenvolvimento e não necessariamente por problematizar especificamente os fundamentos das relações de gênero. Na produção da autora, fica evidente uma noção de identidade sexual baseada sobre uma consciência individual de sexo, uma correspondência homóloga entre sexo e gênero, na qual o segundo traduz o primeiro. Nesse sentido, formação identitária produz na consciência individual da experiência do sexo biológico, manifestando-se através de um conjunto de adequações entre características biopsicossociais, correspondentes ao primeiro modelo dentre aqueles desenvolvidos por Nicole-Claude Mathieu (1991)¹⁴ Nessa

¹⁴Mathieu (1991) apresenta três modos de conceituação das relações entre sexo e gênero. Em cada modo é possível discernir ao mesmo tempo: a) uma problemática de identidade sexual a respeito

perspectiva, não é óbvio que as mulheres façam ciência diferentemente apenas por serem mulheres. Tampouco fica claro que não o fazem sem testes e pesquisas empíricas. Assim, que no interior do feminismo perdura a pergunta: as mulheres fazem ciência de maneira diferente?

Na mesma década em que Gilligan escreveu *In a Different Voice*, as diferenças entre brancos e negros seriam demarcadas dentro dos movimentos raciais. Assim, já se visualizava a experiência como o resultado de um conjunto complexo de determinações e lutas – enquanto um processo de renegociações contínuas das pressões externas e resistências internas, do estar dentro ou fora de determinadas representações construídas a partir de diversas tecnologias sociais, no dizer de Teresa De Lauretis (1984).

Por que, na tentativa de entender se as mulheres resolveriam seus dilemas morais de maneira diferente em relação aos homens, Gilligan não se reportou a um contexto mais amplo de diferenças e das diferenciações, restringindo-se a uma base tão binária? Afinal, muitas discussões a respeito da *diferença dentro da diferença*, relativas ao eurocentrismo do feminismo branco, da exploração colonial e de suas consequências eram domínios em produção nessa época, como indicam autoras como Avtar Brah (2006)¹⁵. Geração, raça, etnia, já colocavam em

do corpo sexuado e da sexualidade e do seu lugar dentro da organização social do sexo; b) uma estratégia das relações entre os sexos; c) uma concepção da relação entre sexo biológico e sexo social (ou entre sexo e gênero); d) uma concepção da relação entre hétero e homossexualidade, dito de outra forma da relação entre sexo, gênero e sexualidade. O primeiro modo refere-se a identidade sexual baseada sobre uma consciência individual de sexo - correspondência homogênea entre sexo e gênero na qual o gênero traduz o sexo. O segundo modo refere-se a identidade sexuada, baseada sobre uma consciência de grupo - correspondência análoga entre sexo e gênero; seja, o gênero simboliza o sexo e inversamente. E o terceiro modo baseia-se na identidade de sexo, construída sobre uma consciência de classe - correspondência sociológica entre sexo e gênero. O gênero construindo o sexo.

¹⁵Interessados no debate desenvolvido no universo temporal da década de 1980 devem atentar-se à nota de rodapé de número 12 do texto de Brah, onde a autora retoma o debate de um feminismo sensível às relações sociais internacionais de poder.

discussão muitos “novos” aspectos e tensões que apontavam para a construção de um pensamento interseccional, marcado por diferentes vozes que colocavam uma miríade de questões teóricas para a categoria mulher e sua pluralização e mulheres, bem como para a teorização da experiência (BACH, 2010).

Havia grande demarcação teórica pelos métodos construtivistas, assim como uma variedade de olhares teóricos e políticos com grande foco na reflexividade e diversidade de vivências que também desenraizavam a visão de que sexo conduziria ao gênero correspondente.¹⁶ Portanto, o foco nos contrastes entre os fatos biológicos e culturais muito demarcados nos anos 1970, começavam a ser deslocados em direção à construção de abordagens que historicizavam a própria noção de natureza (HARAWAY, 1991)¹⁷. Nesse sentido, o debate se encaminharia em direção à discussão sobre a construção da experiência, lançando um olhar atento às contingências e diferentes circunstâncias políticas que forjariam novas conexões entre processos de subjetivação e reorganização do conhecimento (COSTA, 2006).

As tensões teóricas abririam espaço para o lugar da política pós-identitária, sobretudo para o que se convencionou chamar de *diferença dentro da diferença*. Assim, Gilligan parece seguir pelo caminho dos contrastes entre as vozes masculina e feminina, embora não o faça necessariamente para opor, de forma simplista, uma ética da justiça e uma ética do cuidado – que, posteriormente (GILLIGAN, 2003), parecem ser assumidas como social e epistemologicamente

¹⁶ Indicativa da evolução desse debate é a reverberação de textos de Gayle Rubin, como *Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex* (1975) e, mais tarde, *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality* (1982), no contexto das discussões feministas norte-americanas ao longo das últimas décadas do século XX.

¹⁷ Ainda que citemos a edição de 1991 de *A Cyborg Manifesto*, lembramos que sua versão original foi publicada por Donna Haraway em 1985, poucos anos após a introdução de *In a Different Voice* no debate feminista da época.

complementares, ainda que essa posição não apareça (ou não tenha sido reconhecida) tão claramente em *In a Different Voice*.

Talvez a explicação para o lugar de Gilligan (1982) ocupou nas teorias do desenvolvimento resida no fato de que a proposta de Laurence Kohlberg seja seu ponto de partida, sendo o espaço ocupado pela autora circunscrito ao olhar a partir de dentro, ainda que decidido a desvitalizar os marcadores universais, abstratos e androcêntricos das áreas de conhecimento às quais pertencia – o que, por si só, demarca um nível de exigência que lhe impôs um itinerário analítico e um meio através do qual poderia levá-lo a cabo. Esse risco é apontado por Linda Alcoff (1999) ao falar sobre a tentativa de fundamentar uma política feminista a partir da “mulher”, tendo em vista a possibilidade de incorrer em processos de novas essencializações.

Para Gilligan, a política identitária herdada da década de 1970 partira da ideia de uma reunião de mulheres, de suas experiências e das novas conexões ligadas à produção de conhecimento. Pensar criticamente, portanto, o lugar das vozes das mulheres e sua ausência nos estudos de desenvolvimento moral, bem como a expectativa da passagem progressiva de um nível a outro – do pré-convenção (ou pré-moral), para o convencional e pós-convenção – escancarou mais uma dobra na porta entreaberta para, num contexto de investimento feminista na crítica dos modelos do fazer científico, promover um novo horizonte analítico e epistemológico.

À guisa de uma conclusão: reverberações de *Uma Voz Diferente*

O trabalho de Gilligan, ao pousar suas preocupações sobre o intuito de dar voz e vez às mulheres, silenciadas no tempo, nos espaços e, sobretudo, nas pesquisas que seguiam princípios abstratos, universalistas e androcêntricos, se espalharia rapidamente para muitas áreas do conhecimento disciplinar e muitos

espaços de discussão – exemplo disso é a constatação da tradução em 16 línguas e a venda de mais de 700.000 cópias no mundo todo, oferecida pela editora da Universidade de Harvard¹⁸. Lorraine Code (1991) é categórica ao afirmar que, ao lado dos principais textos de autoras como Nancy Chodorow, *In a Different Voice* foi um trabalho enormemente influente, tornando-se um importante recurso para as desconstruções e reconstruções feministas da subjetividade.

Neste texto, tentamos apresentar a obra de Gilligan como parte de um contexto histórico e intelectual efervescente e multifacetado. A década de 1980 foi marcada por profundos e agudos desenvolvimentos no contexto da intelectualidade feminista. Um conjunto amplo de novas reivindicações epistemológicas, colocava em cheque os modelos de conhecimento e a explicação do mundo hegemônico no ocidente – e, ao mesmo tempo, uma demanda crítica por reflexividade interseccional voltava-se para dentro dos próprios conceitos fundamentais do feminismo enquanto ramo de atividade intelectual e política. *In a Different Voice* é, argumentamos aqui, um claro exemplo da potência reformadora do feminismo da diferença quando voltado às próprias bases do fazer científico. Ao mesmo tempo, quando visto à luz das discussões que demandam o entendimento ampliado das diferenças dentro da diferença, o livro é exemplo das limitações de uma investigação feminista pouco atenta a outros marcadores sociais de diferenciação como raça e sexualidade, por exemplo. Quando posta ao lado de autoras como Sandra Harding, Evelyn Fox-Keller e Susan Bordo, fica claro o pertencimento de Gilligan a um emaranhado intelectual que partilhava pela ânsia de destronar uma epistemologia androcêntrica e universalista, que tratava razão e modos de vida masculinos como sinônimos nas formas de observar o mundo e de dizer

¹⁸Informações retiradas da página oficial da Harvard University Press. Disponível em <<https://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674970960>>. Acesso em: 14 ago 2021.

como deveríamos agir dentro dele. Contudo, um olhar histórico ao seu lugar dentro das teorias do desenvolvimento também marca as escorregadias limitações políticas e analíticas de *In a Different Voice*.

A potência da constituição de novas reflexões éticas a partir da experiência das mulheres pôs em pauta um debate importante sobre a possibilidade de reorganização de novas análises possíveis e novas formas de organizar a conduta social a partir de uma perspectiva feminista crítica ao paradigma estabelecido para as formas de conhecer e explicar o comportamento ético. Ao longo das décadas seguintes, os raciocínios de *In a Different Voice* seriam retomados diversas vezes em introduções e primeiros capítulos de obras que hoje compõem um conjunto infinitamente diverso e capilarizado ao qual damos o nome de estudos do cuidado. Falamos aqui de autoras localizadas no cruzamento interdisciplinar dos Estudos de Gênero, Teoria Feminista e de diferentes áreas do conhecimento, como Filosofia, Ciência Política, Direito e Sociologia.¹⁹ Gilligan é comumente citada por Nel Noddings (1984), Eve Kittay (1999), Joan Tronto (1997; 2009; 2013), Pascale Molinier, Sandra Laugier e Patricia Paperman (2009), assim como Marrie Garrau e Alice Le Goff (2010). Citada, seja como marco histórico das discussões sobre o tema, seja como alvo de críticas em direção a uma maior politização do conceito de cuidado – visto a partir de interseccionalidades múltiplas às quais a autora deu pouca atenção em suas análises.

¹⁹ No Brasil, o ramo dos estudos do cuidado também se configura de maneira interdisciplinar através das Ciências Humanas e Ciências da Saúde em um campo profícuo de debates e publicações – praticamente todas elas transpassadas pelos estudos de gênero. Desde o início da década passada, vêm surgindo no contexto nacional uma quantidade cada vez maior de grupos de apresentação e discussão de trabalhos em diferentes seminários, simpósios e encontros nacionais e internacionais que, com constância, têm se proposto a tratar do tema – podemos destacar, a título de exemplo, o Seminário Nacional Sociologia & Política, promovido pela Universidade Federal do Paraná, o encontro interdisciplinar Fazendo Gênero, organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina, e o Simpósio Gênero e Políticas Públicas, realizado pela Universidade Estadual de Londrina.

Os argumentos da autora permanecem em um lugar tensionado dentro das discussões feministas. A fundamentação de *In a Different Voice* é construída a partir da observação das maneiras a partir das quais as mulheres levavam em conta suas relações concretas e, a partir delas, viviam seus dilemas à medida que esses surgiram nos múltiplos contextos de vidas que eram perpassadas por relacionamentos e interdependências. Ainda que inseridas em um conjunto de regras coletivas generalizadas e compartilhadas, eram as relações concretas que construía suas decisões morais. Contudo, é fundamental que reconheçamos os limites das contribuições de Gilligan tendo em vista que, desdobrando os dilemas do cuidado, existem estruturas de desigualdade apontadas por outras pesquisadoras, como o fez a teórica Susan Sherwin, (1996), que indicam a ligação direta entre a posição social feminina inferior e a encapsulação de sua sociabilidade em torno de sua competência reconhecida dentro da administração dos cuidados. Outras abordagens acusaram a autora de não pontuar as importantes distinções entre a esfera pública e privada – centrais para as análises feministas – e de não problematizar a família como meio social marcado por hierarquia entre homens e mulheres (OKIN, 2008).

Algumas autoras, como Nel Noddings (1984), enxergam em Gilligan uma ótica capaz de ser pensada no interior de relações de dependência e, em particular na relação mãe – criança, como memória de reconhecimento do cuidado recebido que todos compartilharíamos. Este aspecto marcaria uma dimensão moral natural para os humanos, e se fundamentaria na díade de um fornecedor de cuidado e de um beneficiário de cuidado. Outras, como Joan Tronto (1997; 2009; 2013), rompem com Gilligan, buscando situar o lugar do feminino como tradicionalmente operante em torno da formulação de uma ética do cuidado no plano da desvantagem sociológica a ser transformada e não da moralidade a ser promovida – utilizando o cuidado como um instrumento de análise crítica da

organização social e ligado ao desenvolvimento de perspectivas políticas e institucionais progressistas.

Diferente das primeiras reverberações das obras de Gilligan, focadas nas possibilidades éticas da consideração da experiência feminina, uma fase mais tardia das teorias do cuidado – já maturada a partir de discussões mais sensíveis as facetas do cuidado marcadas por raça, classe, gênero e globalização – se colocam no domínio da discussão sobre as desigualdades sociopolíticas ligadas ao tema. Segundo Le Goff e Garrau (2010), será preciso considerar que tudo saiu dos trabalhos de cuidado depois de Gilligan e que as tensões surgiram de uma ambiguidade presente no seu livro original.

Em seu livro, Gilligan analisa a ética do cuidado como uma perspectiva que advém majoritariamente da experiência feminina, ainda que não afirme essa conexão como uma ligação obrigatória ou necessária, embora recorrente. Este aspecto leva autoras como Tronto (2009) a se debruçarem sobre essa proximidade, a fim de desconstruí-la. Nesse sentido, teorizações mais maduras a respeito do cuidado no campo feminista partiram da interrogação a respeito daquilo que, finalmente, estaria implícito no trabalho de Gilligan: a divisão sexual e generificada das atividades que condicionam o desenvolvimento de uma orientação moral no lugar de outra. A oposição entre a autora e Kohlberg corre o risco de se encerrar em um círculo fechado onde modelos éticos herméticos disputam entre si como alternativas para orientação da conduta. Contudo, outras autoras, como Seyla Benhabib (1992) e Tânia Aparecida Kuhnen (2015) extraem dessa controvérsia reflexões que podem extrapolar a dualidade entre ética do cuidado e ética da justiça.

A porta entreaberta pela qual Gilligan e outras autoras forçaram sua entrada na década de 1980, tem gerado, nas permanências e na superação de suas

ideias, ramificações para discussões de profundo impacto dentro da miríade de vertentes englobadas pela iniciativa intelectual feminista. 40 anos depois, analisando as reverberações do que os textos da autora disseram e deixaram de dizer, nota-se que *In a Different Voice* segue pertencendo a um lugar histórico importante na forma como recobramos os encadeamentos do debate dentro do feminismo no ocidente.

Referências

ADAN, Carmen. **Feminismo y conocimiento**: de la experiencia de las mujeres al Cíborg. Galícia: Spiralia ensaio, 2006.

ALCOFF, Linda M. "Merleau-Ponty y la teoría feminista sobre la experiencia". **MORA - Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género**, Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, n. 5, p. 122-138, 1999.

BACH, Ana María. **Las voces de la experiencia**: el viraje de la filosofía feminista. Buenos Aires: Biblos, 2010.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagú*. São Paulo: Unicamp, Pagu, n. 26, janeiro-junho, p. 329-376, 2006.

BENHABIB, Seyla. "The Generalized and the Concrete Other: The Kohlberg-Giligan Controversy and Moral Theory". In: _____. **Situating the Self**: Gender, community, and postmodernism in contemporary ethics. Nova York: Routledge, 1992, p. 148-77.

BORDO, Susan. **The Flight to Objectivity**: Essays On Cartesianism and Culture. New York, State University of New York Press, 1987.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 60, p. 117-134, 2006.

CHODOROW, Nancy. **Reproduction of Mothering**: Psychoanalysis and the Sociology of Gender. University of California Press, California, 1978.

DE LAURETIS, Teresa. "Semiótica y experiencia". In: _____. **Alicia ya no: feminismo, semiótica, cine** Madrid: Ediciones Cátedra, 1984, p. 251-294.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**. São Paulo/Campinas: UNICAMP/ Núcleo de Estudos de Gênero, v. 17/18, p. 9-79. 2001.

FEMENIAS, María Luisa. ¿Qué decimos cuando decimos "sujeto"? In: TAMANINI, Marlene, BOSCHILIA, Roseli, SCHWENDLER, Sônia Fátima (org^a). **Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017, p. 175- 194.

FOX KELLER, Evelyn. **Reflections On Gender and Science**. New Haven, Yale University Press, 1985.

GARDEY, Delphine; LOWY, Ilana. **L'invention du naturel**: les sciences et la fabrication du feminine et du masculine. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2000.

GARRAU, Marie; LE GOFF, Alice. **Care, justice et dépendence**: introduction aux théories du care. Paris: Universitaires de France, 2010.

GILLIGAN, Carol. Women's conception of the self and of morality. **Harvard Educational Review**, vol. 47, n° 4, p. 481-517, nov. 1977.

_____, Carol. **In a Different Voice**. Psychological Theory and Women's Development. Harvard University Press, 2003.

_____. Woman's place in man's life cycle. **Harvard Educational Review**, vol. 49, n° 4, p. 341-446, nov 1979.

_____. **Uma voz diferente**. Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à fase adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

_____. Remapping the moral domain: New images of self in relationship. In GILLIGAN; WARD, J. V.; TAYLOR, J. M.; BARDIGE B. Bardige (Eds.). **Mapping the moral domain**: A contribution of women's thinking to psychological theory and education. Harvard University Press. 1988, p. 1-19.

HARDING, Sandra. The social function of the empiricist conception of the mind. *Metaphilosophy*. v. 10, n. 1. p. 38-47 Janeiro, 1979.

_____. Is Gender a Variable in Conceptions of Rationality? A Survey of Issues. *Dialectica*. v. 36, n. 2-3. p. 225-242, 1982.

HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature**. London, Free Association Books, 1991.

KUHNEN, Tânia Aparecida. **O princípio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2015.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. in: HOLANDA, Eloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 206-242.

LE GOFF, Alice. Care, Participation et Délibération : Politiques du Care et Politique Démocratique. In: GARRAU, Marie e LE GOFF, Alice (Eds.) **Politiser le care? Perspectives Sociologiques et Philosophiques**, Paris: Le Bord de L'eau, 2012, p. 101-114.

LLOYD, Genevieve. **The Man of Reason**. "Male" and "Female" in Western Philosophy. Minneapolis. University of Minesota Press, 1984.

MATHIEU, Nicole-Claude. Identité sexuelle/sexuée/de sexe? Trois modes de conceptualisation du rapport entre genre et sexe. In: _____. **L'anatomie politique: categorizations et ideologies du sexe**. Paris: Côté-Femmes Éditions, 1991. p. 227-266.

NODDIGNS, Nel. **Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education**. Berkeley: University of California Press, 1984.

OKIN Susan Moller. **Justice, genre et famille**. (trad. L. Thiaw-Po-Une), Champs-Flammarion, Paris, 2008.

RUDDICK, Sara. **Maternal Thinking: Toward a Politics of Peace**. 2nd ed. Boston, MA: Beacon Pres, 1995.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born**. Motherhood as Experience and Institution. Lodon: Virago, 1977.

SHERWIN, Susan. **No Longer Patient**: Feminist Ethics and Health Care. Philadelphia: Temple University Press, 1992.

KOHLBERG Laurence. **Essays on Moral Development**. Vol.1: The philosophy of moral development. San Francisco: Harper and Row, 1981.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora perspectiva, 1998.

PAPERMAN, Patrícia. **Cuidado y sentimientos**. Tradução de Agoustina Blanco. 1ª Ed. Buenos Aires, Fundación Medifé Edita, 2019.

TRONTO, Joan Claire. **Caring Democracy**. Market, Equality and Justice. New York, New York University Press, 2013.

_____. **Who cares?** How to reshape a democratic politics? Ithaca, NY, Cornell University Press, 2015. Kindle Edition

_____. **Un monde vulnérable. Pour une éthique du care**, (1993), trad. H. Maury, La Découverte, Paris, 2009.

_____. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre moralidade a partir disso? In: JAGGAR, A. e BORDO, S. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro, Record, Rosa dos Tempos, 1997.

VARIKAS, Eleni. Naturalização da dominação e poder legítimo na teoria política clássica. **Estudos Feministas**. CCE/CCE/UFSC. Florianópolis/SC, v. 11, n. 1, p.171-193, 2003.

Recebido: 28/08/2021

Aprovado: 24/06/2022